



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/filmes-de-ficcao-climatica/>

## Filmes de ficção climática: o papel da arte na comunicação e representação do desastre

Suellyn Emerick [1]

Rodrigo Bastos Cunha [2]

**RESUMO:** Os impactos do aquecimento global já são uma realidade. A cada dia, somos surpreendidos com notícias a respeito de tragédias relacionadas às mudanças climáticas, que ceifam centenas de vidas. Cenários preocupantes como esses exigem uma comunicação eficaz entre cientistas e sociedade, já que todos são atingidos. A partir dessa necessidade, nasce então, a ficção climática, gênero literário e cinematográfico, que auxilia na tarefa de conduzir a discussão das mudanças climáticas ao domínio público. Assim, este artigo busca discutir as relações entre a comunicação das mudanças climáticas e os filmes de ficção climática que possuem foco na representação de desastres em tela, além de explorar o seu potencial social. Ao final deste artigo, pensando nos tipos de desastres de maior ocorrência no Brasil, uma breve lista contendo filmes de ficção climática com foco em enchentes é fornecida. A intenção é apresentar novos exemplares fílmicos àqueles que possuem interesse em usar o cinema como ferramenta de comunicação do desastre, dentro da realidade brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mudanças Climáticas. Cinema. Filmes de Desastre. Ficção Climática.

---

### Climate Fiction Movies: the role of art in communication and representations of disaster events

**ABSTRACT:** The impacts of global warming are already a reality. Every day, we are surprised by news about tragedies related to climate change, which take hundreds of lives. Worrying scenarios like these require effective communication between scientists and society, as everyone is affected.



From this need, climate fiction is born, a literary and cinematographic genre, helping in the task of leading the discussion of climate change to the public domain. Thus, this article seeks to discuss the relationship between climate change communication and climate fiction films that focus on the representation of disasters on screen, in addition to exploring their social potential. At the end of this article, considering the most common types of disasters in Brazil, a brief list of climate fiction films focusing on floods is provided. The intention is to present new film examples to those who are interested in using cinema as a disaster communication tool, within the Brazilian reality.

**KEYWORDS:** Climate Change. Cinema. Disaster Movies. Climate Fiction.

---

A nossa é de fato uma era de extremos. Pois nós vivemos debaixo das contínuas ameaças de dois igualmente medonhos, mas aparentemente opostos destinos: a banalidade ininterrupta e o terror inconcebível. É a fantasia, servida em largas doses pelas artes populares, que permitem que a maior parte das pessoas lide com esses espectros gêmeos.  
(Sontag, 1965, p. 42)

### **Mudanças climáticas, desastres e comunicação**

Em 2006, o climatologista Maarten K. van Aalst, publica um artigo fazendo alertas sobre o aumento da temperatura registrado no Hemisfério Norte do planeta. Quando o artigo foi lançado, muitos impactos dessa mudança na temperatura já podiam ser percebidos, como aumento no nível médio do mar global, recuo de geleiras, diminuição da cobertura de neve, degelo do *permafrost* (superfície formada por rochas, solo, matéria orgânica e permanentemente congelada), e efeitos nos ecossistemas marinhos e terrestres como as mudanças na distribuição de plantas e animais, influência na floração de plantas, alterações no período de reprodução de pássaros, surgimento de insetos, e aumento na frequência do branqueamento de corais (van Aalst, 2006). Baseando-se no terceiro relatório do IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Change) divulgado em 2001, o



cientista indica que se as emissões de carbono continuassem na mesma velocidade que se encontravam na época, as previsões para as próximas décadas não eram otimistas: haveriam eventos climáticos cada vez mais frequentes, resultando em desastres causados pela maior ocorrência de ciclones tropicais, tornados, intensificação no volume das chuvas, enchentes em algumas regiões do planeta e aumento da seca em outras, aceleração no processo de erosão do solo, propiciando movimentos de massa como escorregamentos e tombamento de rochas.

Hoje, quase 20 anos depois da publicação do artigo, as palavras de van Aaslt atuam como o bater de um martelo, proferindo a nossa sentença, e os desastres não se apresentam mais como uma projeção, mas sim, como uma realidade. Torna-se cada vez mais difícil negar que estamos vivendo em um “tempo de catástrofes” (Stengers, 2009).

Um cenário tão preocupante demanda eficácia na comunicação entre os detentores da informação sobre projeções de desastres e a sociedade como um todo, o que infelizmente não ocorre sempre da melhor forma. Para Kyle Jacob Kline (2022), a comunicação efetiva sobre mudanças climáticas sempre foi o maior desafio de cientistas. Segundo o autor, “fatos e números foram incapazes de transmitir as terríveis ameaças das mudanças climáticas e galvanizar uma ação generalizada” (Kline, 2022, p. 4, tradução nossa). A falta de traquejo dos especialistas dificulta o processo de divulgação de suas pesquisas, pois “quando os cientistas apresentam suas descobertas ao público, o treinamento em pesquisa acadêmica encoraja conselhos cautelosos em vez de liderança ousada, dificultando a capacidade do cientista de contextualizar o impacto do clima no cotidiano dos cidadãos” (Kline, 2022, p. 5, tradução nossa).

Diante disso, como transmitir as informações necessárias à população, sem cair novamente no ciclo do desentendimento que afeta o diálogo entre os dois polos, cientistas *versus* sociedade? Essa pergunta possui muitas respostas, já que pesquisas no campo da comunicação e da divulgação científica vêm sendo desenvolvidas na universidade há algum tempo (Albagli, 1996; Bubela et al., 2009; Spektor-levy; Eylon; Scherz, 2009).

Entre as alternativas disponíveis para um diálogo efetivo, a arte é uma das mais citadas, por sua comprovada eficácia na transformação social, além de ser uma potente ferramenta de denúncia e resistência, colocando-se à frente das preocupações que assolam a humanidade. Sendo assim, é



natural que em algum ponto da história da arte, esta se associasse às causas ambientais, transformando-se em uma aliada na disseminação de informações sobre os impactos das mudanças climáticas.

Perceber a arte exige atenção, e processar a arte requer partes do cérebro que normalmente não são acessadas por comunicações típicas sobre mudanças climáticas. A arte normalmente usa novas metáforas, analogias ou narrativas, que a comunicação climática geralmente carece. Além disso, a arte pode fornecer às pessoas visualizações do problema e dar-lhes uma experiência pessoal com o tema, o que é especialmente importante no que diz respeito à mudança climática, pois muitas pessoas ainda a veem como uma questão abstrata que não representa uma ameaça direta. A arte também pode ajudar a estabelecer uma identidade de grupo e dar às pessoas a sensação de serem apoiadas em seus esforços para ajudar a combater as mudanças climáticas (Roosen; Klöckner; Swin, 2017, p. 1, tradução nossa).

### **Ficção climática e o seu impacto social**

As histórias de ficção sobre as mudanças climáticas nascem na literatura, a partir da crescente preocupação de escritores sobre os seus possíveis impactos no planeta e, conseqüentemente, nos seres que nele vivem, entre eles os humanos. Seus livros, anteriormente classificados apenas como “literatura das mudanças climáticas” (Johns-Putra; Trexler, 2011), passaram a ser incluídos em um novo gênero chamado ficção climática (em inglês *Climate Fiction* ou *Cli-fi*), termo criado pelo jornalista e ambientalista Dan Bloom em 2007.

Na literatura, a ficção climática concentra grandes autores, como Ursula Le Guin (*Lathe of Heaven*, 1971; *New Atlantis*, 1975), Octavia Butler (*Parable of the Sower*, 1993), Margaret Atwood (*Oryx and Crake*, 2003; *The Year of the Flood*, 2009; *MaddAddam*, 2013), Michael Crichton (*State of Fear*, 2004), Ian McEwan (*Solar*, 2010) e Pitchaya Sudbanthad (*Bangkok Wakes to Rain: A Novel*, 2019).

No entanto, apesar dos esforços de escritores importantes e da divulgação que vem sendo feita sobre a ficção climática, há quem acredite que o novo gênero possui um impacto social pouco significativo. A pesquisa de opinião de Matthew Schneider-Mayerson (2018) mostra que o público leitor de ficção climática já é formado por pessoas engajadas na causa ambiental, não alcançando aqueles que realmente deveriam ser atingidos: os negacionistas (tanto governantes quanto seus apoiadores). Porém, se esses livros não mudam opiniões, eles permitem que seus leitores falem



sobre o assunto e que o passem adiante, além de atuarem como instrumento para um “despertar” ecológico.

Embora possa não desempenhar um papel significativo em convencer céticos e negacionistas a reconsiderar suas posições (parcialmente porque eles são menos propensos a ler essas obras de ficção), pode efetivamente cutucar moderados e lembrar aos liberais e esquerdistas preocupados com a gravidade e a urgência das mudanças climáticas antropogênicas. Isso em si é ecoliticamente significativo (Schneider-Mayerson, 2018, p. 495, tradução nossa).

A pesquisa também mostra que alguns leitores passaram a ter outra dimensão das consequências das mudanças no clima, e entre as diferenciadas emoções negativas despertadas durante a leitura, algumas podem levar ao efeito contrário do esperado, que seria a mobilização, o que é preocupante, na avaliação do autor da pesquisa, já que essas emoções podem interferir em suas ações futuras (ou na ausência delas).

Pelas emoções que esses leitores descreveram, fica claro que suas respostas afetivas não foram apenas negativas, mas desmobilizadoras. Embora algumas emoções negativas (como raiva) possam ser combustível para ação pessoal ou política, outras (como culpa, vergonha, desamparo e tristeza) são muito menos propensas a levar a respostas ativas (Schneider-Mayerson, 2018, p. 490, tradução nossa).

Se na literatura os resultados mostram um impacto isolado, por vezes subjetivo e internalizado, e muito mais centralizado em grupos pequenos de pessoas, já adeptas desse tipo de leitura, no cinema, foi diferente. De acordo com Maria Sakellari (2015, p. 833, tradução nossa), “pesquisas mostram que depois de assistir a filmes populares, com narrativas sobre mudanças climáticas, as pessoas ficaram conscientes das questões das alterações climáticas, mais preocupadas e motivadas, mas as mudanças de comportamento são de curto prazo”. Uma revolução foi iniciada em 2004, com o lançamento do filme *O Dia Depois de Amanhã* (*The Day After Tomorrow*), dirigido por Roland Emmerich, transformando essa consciência em ação.

No blockbuster norte americano, um climatologista percebe uma desaceleração na atividade da AMOC (Atlantic Meridional Overturning Circulation), complexo sistema oceânico de correntes que atuam no Oceano Atlântico. A AMOC é a responsável em transportar calor dos trópicos para as altas latitudes e água fria para o sul, auxiliando no equilíbrio climático global. O cientista tenta desesperadamente avisar as autoridades, mas, como de praxe, ninguém dá a atenção necessária. E



então, uma tempestade catastrófica chega, matando milhares de pessoas e levando o Hemisfério Norte a enfrentar uma era do gelo localizada.

O sucesso de *O Dia Depois de Amanhã* não deve ser medido apenas através sua bilheteria mundial, que chegou a atingir mais de 500 milhões de dólares, mas também por ter trazido o debate das mudanças climáticas para o domínio público. Ainda que na época alguns especialistas em clima viessem a público para discutir se a ciência do filme era suficientemente real ou não, criticando seus exageros visuais e categorizando-o como um filme transmissor de “ciência ruim”, a mensagem central transmitida pelos protagonistas é o que realmente importa e, inevitavelmente, foi o que permaneceu. A relação entre cientistas e autoridades políticas, retratada no filme, é muito mais real do que queremos aceitar. Enquanto o cientista grita desesperado e pede que ações efetivas sejam realizadas para evitar uma catástrofe ainda maior, ninguém o ouve. Enfim, a tragédia chega, e as autoridades percebem que nada mais pode ser feito.

Antes e depois do lançamento do longa, muitos estudos acadêmicos foram promovidos, principalmente pesquisas avaliando o seu impacto na opinião pública (Leiserowitz, 2004; Reussig Schwrzkopf; Pohlen, 2004; Nisbet, 2004; Norton; Leaman, 2004; Reussig; Leiserowitz, 2005; Von Mossner, 2012; Griffin, 2017). Andrew Norton e John Leaman (2004, p. 1, tradução nossa) citam que o “filme *O Dia Depois de Amanhã* – lançado em 28 de maio – servirá exatamente para aumentar o interesse da mídia nesta questão [...] O filme terá um público potencial de 500 milhões pessoas, e está definido para colocar a mudança climática na agenda *mainstream*”.

Estar na mídia e ser colocado em uma agenda “mainstream” é, portanto, o primeiro passo para que as pessoas se interessem pelo assunto e passem a cobrar resoluções. A obra passou a ser utilizada como recurso de divulgação científica por diversas pessoas ligadas a causas ambientais, como indica Matt Nisbet.

Ambientalistas, conservacionistas, líderes da indústria e legisladores usaram o blockbuster como um veículo para mobilizar a atenção do público para a questão, elaborando pontos de discussão estratégicos e cuidadosamente estruturados e mensagens que reproduzem as imagens do filme. Grupos ambientalistas como o Greenpeace, o Conselho de Defesa dos Recursos Naturais, o Grupo de Pesquisa de Interesse Público dos Estados Unidos e o MoveOn.org criaram páginas na Web para atrair internautas interessados em buscar mais informações sobre a mudança climática. Os sites tentam mobilizar os visitantes a enviar e-mails e fazer ligações telefônicas instando os formuladores de políticas a adotarem políticas a favor do meio ambiente. O MoveOn.org



enviou alertas por e-mail para sua rede de ação eletrônica pedindo 8.000 voluntários para distribuir panfletos em teatros de todo o país. O MoveOn.org também patrocinou uma reunião especial na prefeitura com o ex-vice-presidente Al Gore, a poucos quarteirões de onde aconteceria a estreia de *O Dia Depois de Amanhã* em Nova York (Nisbet, 2004, p. 1, tradução nossa).

O fato é que *O Dia Depois de Amanhã* deixou um legado inegável. Com o passar dos anos, mais filmes de ficção climática foram produzidos, utilizando o desastre como recurso narrativo para alertar sobre os riscos aos quais a espécie humana estaria submetida se a temperatura da atmosfera do planeta continuasse aumentando. Algumas produções também ousaram descentralizar o foco no desastre, trazendo à tona as problemáticas sociais envolvidas durante o processo. A injustiça climática e um olhar mais atento à população vulnerável também foram questões apontadas em filmes como *A Colônia* (*The Colony*, 2013), *Expresso do Amanhã* (*Snowpiercer*, 2014), *Mad Max: Estrada da Fúria* (*Mad Max: Fury Road*, 2015), e *Parasita* (*Parasite*, 2019). Outras obras têm buscado discutir temas complexos como o estresse pré-climático apresentado no filme dramático, *Fé Corrompida* (*First Reformed*, 2017), e sobre o negacionismo, como aborda o polêmico *Não Olhe Para Cima* (*Don't Look Up*, 2021).

### **A potência dos filmes de desastres**

É bem provável que *O Dia Depois de Amanhã* e seus sucessores tenham ganhado (e ainda ganhem) tamanha visibilidade, não exatamente por conta do risco das mudanças climáticas que eles abordam direta ou indiretamente, mas justamente por serem filmes de desastre. O fim do mundo atrai as pessoas ao cinema desde 1901, quando o primeiro filme de desastre foi lançado, *Fire!*, dirigido por James Williamson. Desde essa data, uma fórmula cinematográfica profundamente eficiente foi criada e repassada por gerações, moldando-se ao longo dos anos, a fim de atender às exigências de seu público, e assim, chegando aos nossos dias de avançada tecnologia digital, o que facilita a representação de cenas de destruição nas telas dos cinemas.

O uso efetivo de discursos catastrofistas na comunicação sobre mudanças climáticas é motivo de questionamentos. Alguns especialistas alertam que exposições apocalípticas sobre as mudanças climáticas podem produzir efeitos negativos (Kline 2022), pois criam medo, culpa e sentimentos de



desesperança (Schiffmann, 2015) ou podem surtir um efeito contrário, vistos como algo hiperdimensionado e longe da realidade (Youra, 2022).

Entretanto, é impossível negar a força que os filmes de desastre possuem sobre as pessoas. Apesar de tão antigos, esses filmes eram ignorados pela crítica e pela academia, sempre vistos como um “gênero menor”, inclusive por ser tão popular. A relação entre o gênero de desastre com a audiência foi estudada pela primeira vez apenas em 1965, por Susan Sontag, influente pesquisadora da área de cultura e mídia. Sontag escreve um ensaio sobre o gênero durante a Guerra Fria, período em que o cinema, principalmente de ficção científica, foi tomado pelo lançamento de filmes com a temática da invasão alienígena e da destruição de cidades e do mundo. A autora argumenta que esses filmes nunca foram apenas sobre ciência ou sobre alienígenas, mas expressavam um medo coletivo inconsciente da sociedade americana na época: o medo da invasão comunista e da bomba atômica. No entanto, independentemente da Guerra Fria, os filmes de desastre seguiram seu rumo firmes e fortes, o que prova seu ponto de que o que realmente encanta o público é o próprio desastre. Ela cita que “um dos trabalhos que a fantasia pode realizar é nos tirar do insuportavelmente monótono e nos distrair de outros horrores, reais ou antecipados, e assim, escapar para situações perigosas exóticas que têm finais felizes de última hora” (Sontag, 1965, p. 42, tradução nossa). Portanto, desde que tudo termine bem, não há mal algum em “experimentar” o desastre por algumas horas na confortável cadeira do cinema.

Parte dessa, podemos dizer, “psicologia do desastre”, fundamenta-se na sensação de catarse que o espectador experimenta, principalmente quando o herói sai ileso no final do filme. Além disso, existe o sentimento de superação e colaboração mútua entre as pessoas no pós-tragédia. Em *Poética*, provavelmente escrita em entre os anos 335 a.C. e 323 a.C., Aristóteles observa que

[...] a tragédia é uma mimésis de uma ação nobre, completa e de certa extensão, em linguagem embelezada separadamente pelas diversas formas de cada parte; é mimésis que se realiza por agentes e não por narrativa, e que conduz, através da piedade e do temor, para a purificação [catarse] de tais emoções (Aristóteles, 1992, p. 24).

Outro fator que aproxima as pessoas desse tipo de filme é a sua linguagem acessível. Sontag explica que a crítica ignora essas produções por elas possuírem uma narrativa simples, linear e fornecerem “gratificações primitivas” ao espectador. Ao contrário do cinema de arte, nicho geralmente elitista,



reprodutor de preconceitos e de motes como “este filme é para poucos”, o filme de desastre consegue se comunicar com as massas, questão essencial no contexto da comunicação sobre mudanças climáticas. Segundo Bould,

a crítica que opta por privilegiar um ecocinema de nicho "mais propenso à reflexão e abordagem independente e experimental da produção, exibição em festivais de cinema, casas de arte e na televisão pública" (Willoquet-Maricondi, 2010, p. 48) desdenha o grande público de várias maneiras. Ela assume que tais espectadores encontrarão apenas esta representação particular da mudança climática, ou que eles são incapazes de entendê-la em relação a outras representações, incluindo relatos de não-ficção (Bould, 2023, p. 55, tradução nossa).

Quando os diretores de cinema perceberam que as mudanças climáticas poderiam servir de base para suas novas obras, eles mergulharam nisso, lançando filmes de desastre aos montes durante as décadas de 2000 e 2010. Até 2014, não haviam estudos sobre esse fenômeno, pois as produções ainda se encontravam em uma espécie de limbo, e ninguém sabia ao certo como classificá-los. Michael Svoboda (2014) inicia esse trabalho, publicando um ensaio sobre “ficção climática no cinema”, no *Yale Climate Connections*, site de divulgação científica climática da Universidade de Yale.

Em 2016, o autor publica um artigo que contém um levantamento bem completo de filmes que abordam o tema da mudança no clima, além de estudar suas principais características e formas de representações do desastre nessas obras. Para Svoboda, qualquer filme que apresente uma “atividade atmosférica intensa” ou seus impactos já deve ser considerado Ficção Climática. Portanto, os filmes podem ou não abordar as causas das mudanças climáticas como antrópicas. E seu discurso pode ou não ser político. Um bom exemplo de um filme apolítico que consta na lista é *Twister*, um enorme sucesso de 1996.

Em 2020, Svoboda publica um novo estudo, incluindo ainda mais filmes, pertencentes aos mais diversos gêneros cinematográficos. O pesquisador então os realoca, transformando-os em subgêneros da Ficção Climática. São eles: Filmes de Desastre, Apocalipses, Distopias, Dramas Psicológicos, Comédias, Animações Infantis e Alienígenas e Filmes de Heróis. Portanto, nem todo filme de desastre é uma ficção climática, mas filmes de desastre que falem sobre o clima são um subgênero da ficção climática, e assim ocorre com todos os outros gêneros. Pela gama de opções, é



visível que a Ficção Climática não depende de destruições para existir. No entanto, aproximadamente 70% das obras lançadas na planilha de Svoboda são sobre desastre.

Os excessos nos lançamentos acabam por expor uma problemática encontrada principalmente pela crítica cinematográfica. Nem todo realizador possui o dinheiro necessário para uma grande obra de ficção climática, fazendo com que a qualidade de filmes do gênero caia bastante, e eles sejam apontados pela crítica como “filmes que você deve morrer antes de assistir” [3]. Esse fato joga um estigma sobre esses filmes, que é refletido nos estudos acadêmicos sobre a ficção climática.

Profissionais que trabalham com a comunicação da ciência e também profissionais da educação passaram a usar o *Cli-fi* como mediador de debates sobre as mudanças no clima em palestras, livros, e nas salas de aula. No entanto, percebe-se uma certa preferência por filmes de maior sucesso e orçamento. Há na literatura poucas referências a obras *Cli-fi* de baixo e micro orçamento, em geral lançadas diretamente em DVD ou produzidas para TV (Emerick, 2022, p. 13).

Porém, não se deve minimizar a importância de obras de baixa qualidade, pois são elas que mantêm a ficção climática viva e atuante, “não permitindo que o gênero pereça, preenchendo o hiato existente entre os lançamentos de grandes produções” (Emerick, 2022, p. 14).

### **Um recorte para a realidade brasileira**

O levantamento mais recente sobre filmes de Ficção Científica feito por Svoboda (2020) é bem diverso, contando com aproximadamente 70 filmes, e como já apontado, a grande maioria é sobre desastre. Ao analisarmos o grupo dos filmes de desastre, isoladamente, nota-se que eles também possuem uma subcategoria, dividindo-se em “tipos de desastre”, como tornados, tempestades, gelo (neste caso, eventos que resfriem o clima da Terra ao ponto de iniciar uma nova era do gelo) e chuvas torrenciais. É interessante notar que a preferência pelos filmes que apresentam tornados e eventos de resfriamento intenso é impressionantemente maior, enquanto os filmes que abordam chuvas torrenciais que desencadeiam enchentes são pouquíssimos. Tal preferência é um tanto ou quanto curiosa, pois as enchentes ocupam um espaço significativo nos desastres causados pelas mudanças climáticas. É mais intrigante ainda se pensarmos que as projeções de anos atrás já definiam o aumento da umidade como um dos fatores a assolar específicas regiões do planeta.



As projeções para o próximo século mostram que o número de dias quentes e muito quentes continuará aumentando, e que o número de dias frios e muito frios continuará diminuindo em quase todas as áreas terrestres. Além disso, é muito provável que a intensidade e a frequência dos eventos extremos de precipitação aumentem em muitas áreas, e o período de retorno entre os eventos extremos de precipitação está projetado para diminuir, resultando em inundações e deslizamentos de terra mais numerosos. As áreas do meio do continente geralmente se tornarão mais secas, o que provavelmente aumentará o risco de secas de verão e incêndios florestais (van Aalst, 2006, p.8, tradução nossa).

Svoboda conclui que a preferência pelo gelo se deve à possibilidade que os diretores têm de criarem cenários completamente diferentes, levando em conta que “um mundo gelado é belo, assustador e contrastante. É muito mais difícil visualizar os riscos de 2 ou 4 graus de aumento na temperatura, do que 30 ou 40 graus, repentinamente” (2014, p. 6, tradução nossa). Outro fator que pode ser relevante é o fato de que dentro de um contexto vivido em países do Hemisfério Norte, os tornados e a neve façam parte da vida das pessoas, criando uma sensação de proximidade.

Entretanto, esses filmes conversam pouco com a realidade brasileira, onde enchentes e deslizamentos são os maiores causadores de desastres. O trecho do artigo de Val Allst, citado logo acima, previa um aumento na intensidade das chuvas para determinadas regiões do planeta, caminhando em direção ao próximo século. No entanto, as mudanças já são percebidas em algumas cidades brasileiras, que manifestam índices pluviométricos cada vez maiores. O excedente de água resulta em enchentes e encharcamento do solo, ativando deslizamentos e soterramentos. As principais vítimas, geralmente, pertencem à população mais vulnerável (Denton, 2002; Benevolenza; Deringne, 2019), como aconteceu na Bahia (2021), em Petrópolis (2022) e recentemente, em São Sebastião (2023). Uma média de um grande desastre por ano.

No primeiro semestre de 2022, o Sistema Integrado de Informações Sobre Desastres (S2iD) contabilizou mais de 78 mil desabrigados e mais de 550 mil desalojados por desastres em todo o Brasil, sem incluir os que já estavam desabrigados e desalojados desde o final do ano anterior, nos desastres na Bahia e em Minas Gerais (Alves Junior, 2022, p. 6).

Diante disso, pensando em um recorte mais adequado à realidade brasileira, este ponto do artigo procura apresentar alguns filmes (assim como uma minissérie) de ficção climática que retratam enchentes e deslizamentos, para além daqueles disponíveis na pesquisa de Svoboda (2020). A busca



tentou ser a mais diversa possível, incluindo filmes clássicos, um exemplar não anglófono, assim como produções de baixo orçamento.

*Filmes de ficção climática de desastre – enchentes e deslizamentos:*

1. **O dilúvio** (*Deluge*, 1933): Violência no pós-desastre

O dilúvio é um filme norte americano, dirigido por Felix E. Feist. O filme é baseado no romance de mesmo nome publicado por S. Fowler Wright em 1928. Cientistas começam a perceber que uma série de desastres estão por vir, mas são incapazes de evitá-los. Muitas pessoas passam a acreditar que, por algum motivo, Deus está zangado e os desastres são uma resposta de sua ira. Um mega tsunami invade a cidade de Nova York, destruindo tudo. Algumas pessoas se salvam, e precisam aprender a sobreviver em um mundo devastado e sem lei. Apesar do melodrama, o longa se diferencia ao apresentar a tragédia logo no início (nos primeiros 10 minutos) e discutir com maior profundidade as questões da violência no pós desastre. A luta pela sobrevivência, a briga por recursos e a criminalidade são apenas alguns dos pontos representados no filme, que foca em mostrar a vulnerabilidade feminina em situações como essa, através de momentos que retratam (não explicitamente) a exploração do corpo feminino, o estupro e o feminicídio.

2. **E as chuvas chegaram** (*The Rains Came*, 1939): As monções indianas

Filme de drama romântico dirigido por Clarence Brown. O roteiro se baseia no livro de Louis Bromfield publicado em junho de 1937. Em 1955, um *remake* foi lançado, com o título *The Rains of Ranchipur*. Tom Ransome é um homem inglês, filho de um conde, que viajou à cidade de Ranchipur, na Índia, a fim de pintar o retrato de um marajá. Adaptou-se tanto ao local que por lá ficou durante 7 anos. A vida de Tom é abalada quando ele conhece a jovem Fern, filha de missionários ingleses, ao mesmo tempo em que uma antiga namorada, agora casada com um aristocrata inglês, vem à Ranchipur. No momento da chegada dos visitantes, a cidade passa por uma intensa seca, que será interrompida com o início do verão e o despertar do período de monções. As chuvas se tornam cada dia mais intensas, inundando a cidade, fazendo muitas vítimas e mudando a vida de todos. Apesar do romance central, o filme não se resume a isso, contribuindo com discussões sobre diferenças culturais, preconceito, religiosidade, rastros do domínio inglês na Índia e daquilo que seria considerado uma “civilização” através do entendimento ocidental (do ponto de vista do colonizador), e a falta de liberdade feminina.

3. **A onda** (*Skjelvet*, 2015): tombamento de blocos rochosos, tsunamis

*A Onda* é um filme de desastre de baixo orçamento norueguês (apenas 6 milhões de dólares) dirigido por Roar Uthaug. O roteiro é baseado em um evento real ocorrido em 1934, quando Tafjord, um pequeno vilarejo norueguês situado em um fiorde, enfrentou uma onda de aproximadamente 60 metros. Muitas pessoas morreram afogadas e o vilarejo foi completamente destruído. A enorme coluna de água foi formada pelo impacto de um massivo bloco de rocha que



se desprende do paredão. A *Onda* foi escolhido para compor essa lista, pois esse filme se comunica com o evento ocorrido em Capitólio em janeiro de 2022, quando um enorme bloco de rocha caiu sobre barcos turísticos, matando dez pessoas. O filme nos faz pensar sobre a importância do constante monitoramento geológico em paredões rochosos, lembrando que eventos hidrológicos extremos podem influenciar o aumento de ocorrências de movimentos de massa.

4. **Predadores assassinos** (*Crawl*, 2019): invasão de animais perigosos

Dirigido por Alexandre Aja, *Predadores assassinos* é um filme tenso, que prende a atenção da audiência até o fim. Com excelentes cenas de ação e ótimos efeitos especiais, é muito bem aceito por um público mais jovem. No longa, uma jovem residente na Flórida se vê em uma terrível situação quando a sua casa é invadida por enormes crocodilos, trazidos por uma enchente pós furacão. *Predadores assassinos* toca em um assunto por vezes esquecido quando se trata de enchentes: a aparição de animais perigosos, como jacarés, cobras, ratos, lacraias e aranhas que surgem nos períodos de chuvas. Os jacarés podem vir nadando através das águas que invadem o ambiente urbano, enquanto os animais peçonhentos saem de suas tocas quando estas são invadidas pelas águas, o chamado “efeito desalojante”. A população corre grandes riscos com essas aparições, inclusive de maneira indireta, pela proliferação de doenças relacionadas, como leptospirose, cólera, diarreias, hepatites e verminoses.

5. **A inundação do milênio** (*High Water*, 2022): negacionismo, sexismo científico, falhas na comunicação.

*A inundação do milênio* é uma produção da Netflix, lançada em 2022 e dirigida por Jan Holoubek e Bartłomiej Ignaciuk. A minissérie se baseia em um evento ocorrido em 1997, quando a cidade polonesa de Breslávia sofreu uma inundação de proporções catastróficas. Além de ser muito bem produzida, a série nos fornece, a cada episódio, uma visão bastante realista de como as enchentes vão avançando nas regiões afetadas, assim como os sinais que o meio natural vai fornecendo aos cientistas, como tremores no solo e o efeito desalojante de ratos e aranhas. A série reflete também sobre os riscos de se habitar em áreas de várzeas de rios, transformando o assunto em uma questão social e política muito complexa. Podemos ainda salientar a exposição sobre a relação entre cientistas, governo, exército e população, que por alguns momentos parece falhar desastrosamente. Além disso, a série fornece uma visão sobre o sexismo na ciência, pois a personagem principal é uma cientista mulher, que muitas vezes tem a sua voz rechaçada e ignorada em tomadas de decisões importantes.

## Conclusão

O potencial da Ficção Climática como ferramenta agregadora na comunicação sobre os impactos das mudanças climáticas já foi comprovado; no entanto, as pesquisas mostram que, entre literatura e cinema, o segundo é um agente muito mais poderoso quando se trata de disseminação do tema, por possuir uma maior visibilidade e apreço público. É provado também que filmes de Ficção



Climática que se enquadram no subgênero de desastre possuem um apelo gigante entre a população, pois são focados no desastre e suas consequências, gerando ao mesmo tempo entretenimento, escapismo e sentimentos de catarse nos espectadores. Além disso, são filmes classificados como populares, e por isso tendem a se comunicar melhor com as massas.

## Bibliografia

ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: informação científica para cidadania. **Ciência da informação**, v. 25, n. 3, 1996.

ALVES JUNIOR, Alexandre Bernardo. Saneamento e gestão de resposta a desastres frente a situações emergenciais motivadas por enchentes: o caso do extremo sul da Bahia. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia Ambiental e Sanitária) - Campus de Crateús, Universidade Federal do Ceará, Crateús, 2022. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/70928>. Acesso em: 30 ago. 2023

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução: Eudoro de Souza. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1992.

BENEVOLENZA, Mia A.; DERIGNE, LeaAnne. The impact of climate change and natural disasters on vulnerable populations: A systematic review of literature. **Journal of Human Behavior in the Social Environment**, v. 29, n. 2, p. 266-281, 2019.

BOULD, Mark. Cli-Fi Cinema. In: TELOTTE, J.P. (Org.) **The Oxford Handbook of New Science Fiction Cinemas**. Oxford University Press, 2023.

BUBELA, Tania et al. Science communication reconsidered. **Nature biotechnology**, v. 27, n. 6, p. 514-518, 2009.

DENTON, Fatma. Climate change vulnerability, impacts, and adaptation: Why does gender matter?. **Gender & Development**, v. 10, n. 2, p. 10-20, 2002.

EMERICK, Suellyn. Como o Climate Fiction ocupou o espaço cinematográfico das discussões sobre Mudanças Climáticas e como resiste até hoje. 9º Encontro de Divulgação Científica e Cultural: Caderno de Resumos, p. 13, 2022. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/363465172\\_Como\\_o\\_Climate\\_Fiction\\_ocupou\\_o\\_espaco\\_cinematografico\\_das\\_discussoes\\_sobre\\_Mudancas\\_Climaticas\\_e\\_como\\_resiste\\_ate\\_hoje](https://www.researchgate.net/publication/363465172_Como_o_Climate_Fiction_ocupou_o_espaco_cinematografico_das_discussoes_sobre_Mudancas_Climaticas_e_como_resiste_ate_hoje). Acesso em: 02 ago. 2023.

GRIFFIN, Lauren. Audience reactions to climate change and science in disaster ci-fi films: A qualitative analysis. **Journal of Public Interest Communications**, v. 1(2), p. 133–152, 2017.

KLINE, Kyle Jacob. Changing Narratives of Climate Fiction: Creativity as Climate Communication. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Estudos Ambientais) Universidade do Arizona,



Tucson, USA, 2022. Disponível em: [https://repository.arizona.edu/bitstream/handle/10150/665802/azu\\_etd\\_hr\\_2022\\_0063\\_sip1\\_m.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repository.arizona.edu/bitstream/handle/10150/665802/azu_etd_hr_2022_0063_sip1_m.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 30 jul. 2023

LEISEROWITZ, Anthony. Day after tomorrow: study of climate change risk perception. **Environment: Science and Policy for Sustainable Development**, v. 46, n. 9, p. 22-39, 2004.

NISBET, Matt. Evaluating the impact of The Day after Tomorrow. **Skeptical Inquirer**, v. 16, 2004.

NORTON, Andrew; LEAMAN, John. The day after tomorrow: Public opinion on climate change. **MORI Social Research Institute**, London, 2004.

REUSSWIG, Fritz; SCHWARZKOPF, Julia; POHLENZ, Philipp. Double impact: The climate blockbuster 'The day after tomorrow' and its impact on the German cinema public. **Potsdam: PIK**, Potsdam Institute for Climate Impact Research, 2004.

REUSSWIG, Fritz; LEISEROWITZ, Anthony A. The international impact of the day after tomorrow. **Environment: Science and Policy for Sustainable Development**, v. 47, n. 3, p. 41-44, 2005.

ROOSEN, Liselotte J.; KLÖCKNER, Christian A.; SWIM, Janet K. Visual art as a way to communicate climate change: a psychological perspective on climate change-related art. **World Art**, v. 8, n. 1, p. 85-110, 2018.

SAKELLARI, Maria. Cinematic climate change, a promising perspective on climate change communication. **Public Understanding of Science**, v. 24, n. 7, p. 827-841, 2015.

SCHIFFMAN, Richard. How Can We Make People Care About Climate Change? **Yale Environment 360**, 2015. Disponível em: [https://e360.yale.edu/features/how\\_can\\_we\\_make\\_people\\_care\\_about\\_climate\\_change](https://e360.yale.edu/features/how_can_we_make_people_care_about_climate_change). Acesso em: 20 jul. 2023.

SCHNEIDER-MAYERSON, Matthew. The influence of climate fiction: an empirical survey of readers. **Environmental Humanities**, v. 10, n. 2, p. 473-500, 2018.

SONTAG, Susan. The imagination of disaster. **Commentary**, v. 40, n. 4, p. 42, 1965.

SPEKTOR-LEVY, Ornit; EYLON, Bat-Sheva; SCHERZ, Zahava. Teaching scientific communication skills in science studies: Does it make a difference? **International journal of science and mathematics education**, v. 7, p. 875-903, 2009.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SVOBODA, Michael. A Review of Climate Fiction (Cli-Fi) Cinema... Past and Present. **Yale Climate Connections: CONNECTIONS-WED**, p. 1-20, 2014. Disponível em: <https://yaleclimateconnections.org/2014/10/a-review-of-climate-fiction-cli-fi-cinema-past-and-present/>. Acesso em: 22 jul. 2023.



\_\_\_\_ Cli-fi on the screen (s): patterns in the representations of climate change in fictional films. **Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change**, v. 7, n. 1, p. 43-64, 2016.

\_\_\_\_ Cli-fi Movies: A guide for socially distanced viewers. **Yale Climate Connections**. Disponível em: <https://yaleclimateconnections.org/2020/05/cli-fi-movies-a-guide-for-socially-distancedviewers/>. Acesso em: 22 jul. 2023.

TREXLER, Adam; JOHNS-PUTRA, Adeline. Climate change in literature and literary criticism. **Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change**, v. 2, n. 2, p. 185-200, 2011.

VAN AALST, Maarten K. The impacts of climate change on the risk of natural disasters. **Disasters**, v. 30, n. 1, p. 5-18, 2006.

VON MOSSNER, Alexa Weik. Facing The Day After Tomorrow: Filmed disaster, emotional engagement, and climate risk perception. In: MAUCH, Christof; MAYER, Sylvia (Org.) **American Environments: Climate-Cultures-Catastrophe**. Heidelberg: Universitätsverlag, p. 97-116, 2012.

YOURA, Sean. Climate Doomism Is the New Climate Denial. **Medium**. Disponível em: <https://medium.com/climate-conscious/climate-doomism-is-the-new-climate-denial-f4a48ddd970>. Acesso em: 20 jul. 2023.

*Recebido em: 15/10/2023*

*Aceito em: 15/11/2023*

---

[1] Graduada em Licenciatura em Geociências e Educação Ambiental pela Universidade de São Paulo (USP). Mestranda no programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (Labjor/Unicamp), Campinas, SP, Brasil. E-mail: [suellyn.emerick@gmail.com](mailto:suellyn.emerick@gmail.com).

[2] Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente do programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural da Unicamp.

[3] Trata-se de uma piada interna muito conhecida entre os grupos de cinefilia e de crítica cinematográfica, que faz um trocadilho com as chamadas listas de “filmes que você deve assistir antes de morrer”, geralmente publicadas em revistas e blogs sobre cinema.